



O cara atrás do balcão não para de olhar para mim. De verdade.

E ele é gostoso. Para um garoto de vinte anos que é barista, claro. Aposto que ele toca violão. Aposto que ele fica acordado até muito tarde da noite, dedilhando, como eu. Dá para ver que fica pela leve sombra sob seus olhos verdes com cílios compridos, e pela maneira como o cabelo louro cacheado dele tem uns tufos espetados por toda a cabeça. É cabelo de quem saiu direto da cama para o trabalho. Não teve tempo de tomar um banho porque ficou acordado até tarde, ensaiando. Igualzinho a mim.



— O que vai ser hoje? — ele me pergunta. Mas com um olhar. Um olhar que com certeza diz: *Estou te analisando*.

Eu sei que é para mim que ele está dando mole, porque não tem ninguém na fila atrás de mim.

Bom, e por que ele não *poderia* estar me olhando com segundas intenções? Eu estou bem. Quer dizer, as partes do meu corpo visíveis fora das minhas roupas volumosas de inverno, pelo menos, estão bem. Eu com certeza passei rímel e base hoje de manhã (diferentemente do Carinha do Café, eu gosto de disfarçar as minhas olheiras). E, com a minha parca, não dá para ver os dois (tudo bem, cinco) quilos que eu ganhei nas férias de fim de ano. Afinal, quem conta calorias no Natal? Ou no Ano Novo? Ou depois do Ano Novo, quando todos os doces de Natal estão em liquidação? Há tempo de sobra para voltar à forma antes da temporada dos biquínis.

E, tudo bem, faz cinco ou seis anos que eu repito isso para mim mesma, e ainda não tentei de verdade... Entrar em forma para a temporada dos biquínis, quer dizer. Mas, quem sabe? Talvez neste ano eu tente. Tenho dois dias de férias para tirar, tudo que eu juntei desde que terminou meu período de experiência, em outubro do ano passado. Posso ir para Cancún. E, tudo bem, só para passar o fim de semana. Mas, mesmo assim...

Então, e daí que eu sou cinco (bom, talvez oito) anos mais velha do que o Carinha do Café? Eu ainda tenho as manhas. Obviamente.

— Um café moca médio, por favor — digo. Eu realmente não gosto de bebidas cheias de espuma e um monte de chantili por cima, mas este é o primeiro dia oficial do semestre de primavera (Primavera! Sei!), e faz frio de verdade lá



Tamanho 44 também não é gorda

7

fora e está prevista uma nevasca para mais tarde e Cooper saiu hoje de manhã (para destinos desconhecidos, como sempre) sem deixar a cafeteira ligada, e a minha cachorra Lucy não quis sair porque estava muito frio, então eu provavelmente vou encontrar uma bela surpresa dela quando voltar para casa, e eu REALMENTE preciso de uma bebida que me anime e me faça parar de sentir tanta pena de mim mesma.

Além do mais, sabe como é: já que estou desperdiçando cinco dólares em um copo de café, é melhor pegar logo o melhor.

— Um café moca médio saindo — o Carinha do Café diz, fazendo o copo dar uma cambalhotinha no ar. Sabe como é, daquele jeito quando jogam os copos para cima, como se fossem revólveres em filmes de faroeste.

Ah, sim. Ele toca violão com *toda* a certeza. Será que ele fica por aí compondo músicas que nunca consegue juntar coragem para apresentar de verdade, como eu? Será que ele vive questionando seus talentos para a composição, como eu faço?

Não. Ele tem coragem de chegar na frente de uma multidão com uma guitarra e suas próprias letras e cantar. Quer dizer, olhe só para ele.

— Leite de soja ou desnatado? — ele pergunta.

Ai, meu Deus. Não vou conseguir encarar meu primeiro dia de volta ao trabalho depois das férias com leite desnatado. E o de soja? Soja?

— Leite integral, por favor — eu digo. Mais tarde eu vou me comportar bem. No almoço, vou comer só um frango à parmeggiana com salada. E talvez só uma COLHERADINHA de frozen yogurt de baixa caloria...



Humm, a menos que Magda tenha recebido mais sorvetes Dove Bar...

— Sabe — o Carinha do Café diz quando meu pedido fica pronto —, realmente parece que eu conheço você de algum lugar.

— Ah — eu respondo. Estou corada de prazer. Ele se lembra de mim! Ele deve ver centenas, talvez MILHARES de nova-iorquinas loucas por cafeína todos os dias, mas ele se lembra de MIM! Felizmente, está tão frio lá fora, e tão quente aqui dentro, que as minhas bochechas vermelhas podem ser facilmente atribuídas ao fato de que eu estou com calor demais por causa do meu casaco, e não por eu estar emocionada com o fato de que ele se lembra de mim.

— Bom, eu moro e trabalho aqui perto — respondo. — Venho aqui o tempo todo. — O que não é exatamente verdade, já que o meu orçamento anda bem apertado (devido ao meu salário irrisório), e bebidas espumosas de café com toda a certeza não fazem parte dele, já que posso tomar café de graça a hora que eu quiser no refeitório.

Só que lá não tem xarope moca. Nem chantili. Tentamos colocar uns tubos de chantili no refeitório, mas os alunos viviam pegando para encher os colegas de creme enquanto dormiam.

— Não — o Carinha do Café diz sacudindo a cabeça fofa e despenteada dele. — Não é isso. Para falar a verdade, alguém já disse que você é muito parecida com a Heather Wells?

Pego a minha bebida da mão dele. Claro que essa é sempre a parte que me causa problemas. O que eu respondo? *É, bom... porque eu sou a Heather Wells*, e daí corro o risco de



Tamanho 44 também não é gorda

9

ele me convidar para sair simplesmente porque acha que eu ainda tenho conexões na indústria musical (coisa que não tenho. Consulte acima, em referência a: medo de ser vaiada e expulsa do palco).

Ou será que eu só dou uma risada e digo: *Ah, que coisa, não?* Porque daí, o que vai acontecer depois se a gente começar a sair e ele descobrir que eu sou mesmo Heather Wells? Quer dizer, eu provavelmente conseguiria guardar segredo por um tempo, mas no fim das contas ele ia descobrir o meu nome verdadeiro. Tipo quando estivermos na alfândega voltando de Cancún. Ou quando estivermos assinando a certidão de casamento...

Então, resolvo responder:

— É mesmo?

— Claro. Bom, se você fosse mais magra — o Carinha do Café diz com um sorriso. — Aqui está o seu troco. Bom dia!

O que não dá para acreditar é a cidade toda estar se preparando para uma tempestade de neve — quer dizer, tem caminhões cheios de sal e areia percorrendo a 10th Street, quebrando os galhos das árvores quando passam; já acabaram o pão e o leite nos mercados; não tem nada na TV além de informações sobre a tempestade que se aproxima — e, ainda assim, os traficantes de drogas não arredam pé do Washington Square Park.

Acho que isso só serve para mostrar que nós, os americanos, temos muito que aprender com a nossa população imigrante que trabalha tão duro.

Mas lá estão eles, parados na calçada, com suas parcas Perry Ellis, tomando um mochaccino fresquinho. Como nesta



manhã há previsão de cair uma nevasca (em Nova York, pelo menos) a qualquer momento, há pouca gente caminhando a pé, mas quem passa recebe ofertas calorosas de erva.

E, tudo bem, as ofertas são unanimemente recusadas. Mas quando os traficantes me veem arrastando os pés toda desanimada na direção deles, fazem a gentileza de gritar a lista de seus estoques na minha direção.

Eu daria risada se ainda não estivesse tão mal-humorada por causa do Carinha do Café. Isso sem contar o fato que, cada vez que eu coloco o pé para fora de casa, sou abordada por esses sujeitos. Parece não fazer diferença para eles eu nunca ter comprado nada. Eles só dão de ombros, como se eu estivesse mentindo ou algo assim quando lhes digo que o estimulante artificial mais potente que tenho consumido ultimamente é cafeína. Triste.

Mas não estou mentindo. Uma cerveja de vez em quando é o máximo de aventura a que eu me permito.

Cerveja light, claro. Ei, uma menina precisa se cuidar.

— O que você está achando da coisa branca que deve cair do céu logo, logo, Heather? — um dos traficantes, um sujeito afável chamado Reggie, pergunta para mim, afastando-se de seus compatriotas, educadamente.

— Melhor do que a coisa branca que você e seu grupo de escórias da sociedade estão oferecendo, Reggie. — Fico chocada de ouvir meus próprios resmungos. Meu Deus, qual é o meu problema? Geralmente, eu sou supereducada com Reggie e os colegas dele. Não é recomendável irritar o traficante local.

Bom, geralmente, eu não sou chamada de gorda pelo meu Carinha do Café preferido.



Tamanho 44 também não é gorda

11

— Ei, amorzinho — Reggie diz, com ar magoado. — Não precisa ofender.

Ele está cheio de razão. É errado chamar Reggie e seus amigos de escória da sociedade quando usamos o mesmo termo para nos referir àqueles senadores de meia-idade que defendem a indústria do tabaco.

— Desculpe, Reggie — digo, de coração. — Você tem razão. É só que já faz nove meses que você tenta, todos os dias, me vender drogas na porta da minha casa, e faz nove meses que eu digo não. O que você acha que vai acontecer? Que eu vou virar uma fissurada em crack da noite para o dia? Vê se me dá um tempo.

— Heather — Reggie suspira, olhando na direção das nuvens cinzentas espessas lá em cima. — Eu sou um homem de negócios. Que tipo de homem de negócios eu seria se deixasse de oferecer algo a uma jovem como você, que está passando por um período muito difícil da vida e que provavelmente poderia se beneficiar de uma forcinha química, não fazer nenhuma tentativa de negociar uma transação comercial?

E, para ilustrar o que quer dizer, Reggie pega um exemplar do jornal *New York Post* que traz dobrado embaixo do braço e abre na primeira página. Ali, em letras garrafais, a manchete grita: *Está em cima de novo*, sobre uma foto em preto e branco do meu ex-noivo com sua atual noiva, a princesa do pop Tania Trace com quem teve uma relação que vai e vem.

— Reggie — digo, depois de tomar um gole restaurador do meu café moca. Mas só porque estou com muito frio. Na verdade, eu nem quero mais aquilo, porque está coberto com



a mácula do Carinha do Café. Bom, talvez eu ainda queira o chantili, que meio que faz bem para a gente. Quer dizer, é um laticínio. E laticínios são parte importante de um café da manhã equilibrado. — Você acha mesmo que eu fico o dia inteiro sem fazer nada, fantasiando a respeito de voltar com o meu ex? Porque nada poderia estar mais distante da verdade.

Na realidade, eu passo o dia inteiro sem fazer nada, fantasiando sobre ficar com o irmão do meu ex, que continua insistindo em permanecer absolutamente imune aos meus charmes.

Mas não há razão por que o meu traficante local precisa saber disso.

— Minhas desculpas, Heather — Reggie diz e volta a dobrar o jornal. — Só achei que você ia querer saber. Hoje de manhã, no canal New York One, disseram que o casamento ainda está marcado para acontecer na catedral de St. Patrick, com a recepção no Plaza, no sábado.

Olho estupefata para ele.

— Reggie — digo. — Você assiste ao New York One?

Reggie parece ficar levemente insultado.

— Eu confiro a previsão do tempo, como qualquer novaiorquino, antes de sair de casa para o trabalho.

Uau. Que fofura. Ele vê a previsão do tempo antes de sair de casa para vir traficar drogas na esquina da minha casa.

— Reggie — digo, impressionada. — Minhas desculpas. Admiro a sua dedicação. Além de você se recusar a permitir que o clima o afaste do trabalho, você também está a par das fofocas locais. Por favor, continue tentando vender drogas.



Tamanho 44 também não é gorda

13

Reggie sorri, mostrando todos os dentes, muitos dos quais com revestimentos (festivos) de ouro.

— Obrigado, amorzinho — ele diz, como se eu tivesse acabado de conceder a ele alguma honraria muito grande.

Retribuo o sorriso, então continuo meu trajeto até o escritório, arrastando os pés pela rua. Mas eu não devia falar assim. O tempo que eu levo para ir de casa até o trabalho realmente é muito curto, o que é bom, já que tenho problemas para acordar na hora certa de manhã. Se eu morasse em Park Slope ou no Upper West Side ou algo assim, e precisasse pegar o metrô para ir ao trabalho todos os dias, seria impossível (mas se eu morasse em Park Slope ou no UWS, a lei exigiria que eu tivesse filhos, então dá no mesmo). Acho que eu realmente tenho muita sorte, por um lado, quer dizer, claro que eu mal tenho dinheiro para tomar um café moca, e graças a todas as festas de fim de ano a que fui, já não caibo mais na minha calça de veludo cotelê stretch tamanho 42, a menos que esteja usando calcinha modeladora por baixo.

E, tudo bem, o meu ex está prestes a se casar com uma das 50 pessoas mais bonitas segundo a revista *People*, e eu nem tenho carro; casa então, nem pensar.

Mas pelo menos eu moro em um apartamento de arrasar, no último andar de um predinho de tijolinhos sem pagar aluguel, a dois quarteirões do meu trabalho, na cidade mais bacana do mundo.

E, tudo bem, só aceitei o emprego de diretora-assistente de um alojamento da Faculdade de Nova York para poder estudar de graça e realmente obter o diploma de bacharel que eu menti ter no meu currículo.



E, confesso, tudo bem, estou tendo uma certa dificuldade para entrar na Faculdade de Artes e Ciências por causa do meu resultado no STA, que foi tão baixo que a reitora só vai me aceitar quando eu me inscrever (e passar) em um curso de recuperação de matemática, apesar de eu explicar que, em vez de pagar aluguel, faço toda a parte da contabilidade de um investigador particular muito fofo, e que nunca cometi um erro de conta, que eu saiba.

Mas é inútil achar que uma pessoa burocrática e sem coração (mesmo que seja a sua patroa) vá tratar a gente como uma exceção.

Então, aqui estou eu, com quase 29 anos, prestes a aprender multiplicação de BINÔMIOS pela primeira vez (e deixe-me dizer uma coisa: estou tendo muita dificuldade em imaginar alguma situação em que eu realmente vá precisar usar isso).

E, sim, é verdade que eu fico acordada até muito tarde compondo músicas, apesar de eu não ser capaz, por nada deste mundo, de encontrar coragem para apresentá-las na frente de qualquer um.

Mas, mesmo assim. Meu trajeto até o trabalho só demora dois minutos, e eu vejo meu chefe/senhorio, por quem eu tenho uma queda muito séria, às vezes sem nada além de uma toalha, quando ele corre do banheiro para a lavanderia para pegar um par de jeans limpo.

Então, a vida não está assim *tão* ruim. Apesar do Carinha do Café.

Mesmo assim, morar superperto do meu local de trabalho tem suas desvantagens. Por exemplo, parece que as pessoas não têm o menor pudor de me ligar em casa para falar



Tamanho 44 também não é gorda

15

sobre questões desimportantes, como privadas entupidas ou reclamações de barulho. É como se só porque eu moro a dois quartos de distância, eu devo ter disponibilidade de ir até lá a qualquer hora para dar conta de assuntos de que o meu chefe, o diretor do prédio, que mora lá, deveria cuidar.

Mas, de maneira geral, eu gosto do meu emprego. Até gosto do meu novo chefe, Tom Snelling.

E é por isso que, quando eu entro no Conjunto Fischer naquela manhã ártica e descubro que Tom ainda não chegou, fico meio desanimada (e não só por não haver ninguém para notar que eu cheguei para trabalhar antes das nove e meia). Ninguém além de Pete, o segurança, que está ao telefone, tentando falar com o diretor da escola de algum de seus vários filhos para saber de uma advertência.

E acho que tem uma aluna de plantão na recepção. Mas ela nem ergue os olhos quando eu passo, de tão entretida que está com um exemplar de *Us Weekly* que ela roubou do cesto de distribuição (Jessica Simpson está na capa. Mais uma vez. Ela e Tania Trace estão disputando pescoço a pescoço para ver quem é a Vagabunda do Ano dos Tabloides).

Quando eu viro no corredor e passo pela frente do elevador, percebo a fila de alunos de graduação em frente à sala do diretor do alojamento. E me lembro, tarde demais, que o primeiro dia do semestre de primavera também é o primeiro dia que muitos garotos voltam das férias de inverno; os que não ficaram no alojamento (quer dizer, conjunto residencial estudantil) para cair na balada até as aulas recomeçarem hoje, logo depois do Dia de Martin Luther King.

E quando Cheryl Haebig (uma aluna de segundo ano da Faculdade de Nova York desesperada para mudar de quarto



porque é uma animadora de torcida toda otimista e sua atual colega de quarto é uma gótica que despreza qualquer expressão de adoração pela instituição de ensino e tem uma cobra de estimação) pula do sofá azul-institucional na porta da minha sala e berra meu nome, já vejo que vou ter dores de cabeça matutinas.

Ainda bem que tenho o meu café mocha médio para me fazer seguir em frente.

Os outros alunos (que eu reconheço um por um por já terem visitado a minha sala antes devido a conflitos com colegas de quarto) começam a se levantar do piso de mármore onde estavam sentados esperando, porque o sofá só tem dois lugares. Eu sei o que eles estavam esperando. Eu sei o que eles querem.

E não vai ser nada bonito.

— Olha só, pessoal — eu digo, tirando com dificuldades as chaves da minha sala do bolso do casaco. — Eu já disse. Não vai haver trocas de quarto até todos os alunos transferidos se mudarem para cá. Daí, vamos ver o que sobra.

— Não é justo — exclama um rapaz magrelo com discos plásticos enormes nas orelhas. — Por que algum aluno transferido idiota fica com a prioridade das vagas? A gente chegou primeiro.

— Sinto muito — digo. E sinto muito mesmo, porque se eu pudesse trocar todo mundo de quarto, não ia mais ter que ficar ouvindo os seus choramingos. — Mas vocês vão ter que esperar até todo mundo se acomodar. Daí, se sobrar algum lugar, a gente pode fazer as trocas. Se aguentarem até a segunda-feira que vem, quando soubermos quem deu entrada e quem resolveu não aparecer...



Tamanho 44 também não é gorda

17

Sou interrompida por um resmungo geral.

— Vou estar morto até a segunda-feira que vem — um residente garante a outro.

— Ou então é o meu colega de quarto quem vai morrer — o amigo dele responde. — Porque eu vou ter cometido um assassinato até lá.

— Não vai ter nada de assassinar o colega de quarto — digo, depois de abrir a porta da sala e acender a luz. — Nem de se matar. Vamos lá, pessoal. É só mais uma semana.

A maior parte deles vai embora resmungando. Só Cheryl continua por lá, com uma expressão toda animada, e me segue para dentro da minha sala. Percebo que ela traz a reboque uma menina toda acanhada.

— Heather — ela diz mais uma vez. — Oi. Olha só, lembra quando você disse que, se eu achasse alguém para trocar de lugar comigo, eu poderia mudar de quarto? Bom, eu achei uma pessoa. Esta aqui é a colega de quarto da minha amiga Lindsay, a Ann, e ela disse que troca comigo.

Tiro meu casaco e penduro em um gancho próximo. Eu me afundo na cadeira da minha mesa e olho para Ann, que parece estar resfriada, do jeito como funga em um lençinho de papel todo amassado, por isso ofereço a ela a caixinha de lenços que tenho comigo para o caso de derramar Coca Diet.

— Você quer trocar de lugar com a Cheryl, Ann? — pergunto a ela, só para ter certeza. Não consigo imaginar por que alguém gostaria de viver com uma pessoa que pinta a parede do seu lado do quarto de preto.

Mas, bom, provavelmente a colega de quarto de Cheryl também se incomoda com o fato de o lado dela do quarto estar decorado com tantos amores-perfeitos, que são a mascote da Faculdade de Nova York.



— Acho que sim — Ann responde com ar abatido.

— Ela quer, sim — Cheryl me garante, cheia de animação. — Não quer, Ann?

Ann dá de ombros.

— Acho que sim — repete.

Começo a sentir que talvez Ann tenha sido coagida a aceitar esta troca de quarto.

— Ann — digo —, você *conhece* a colega de quarto da Cheryl, a Karly? Você sabe que ela, hum... gosta de preto?

— Ah — Ann responde. — Sei. O negócio de que ela é gótica. Sei sim. Tudo bem.

— E... — hesito em tocar no assunto, porque, que nojo. — E a cobra?

— Tanto faz. Quer dizer — ela olha para Cheryl —, não quero ofender nem nada, mas eu prefiro morar com uma cobra do que com uma animadora de torcida.

Cheryl, longe de se sentir ofendida, olha para mim toda radiante.

— Está vendo? — ela diz. — Então, podemos preencher a papelada da nossa troca agora? Porque o meu pai está aqui para me ajudar na mudança, e ele quer voltar para New Jersey antes que a tal nevasca comece.

Pego os formulários e me vejo dando de ombros, igualzinho a Ann... isso meio que pega.

— Certo — raspando, e entrego a elas os papéis que precisam preencher para fazer a troca. Quando as meninas (Cheryl agitada de tanta animação, Ann visivelmente mais calma) terminam de preencher os formulários e saem, dou uma olhada nos relatórios da noite anterior. O Conjunto Fischer conta com funcionários trabalhando 24 horas por dia:



Tamanho 44 também não é gorda

19

um segurança, alunos-recepcionistas e assistentes de residentes, alunos que, em troca de não pagar a taxa de alojamento e alimentação, atuam como uma espécie de mãezona residente em cada um dos vinte andares do edifício. Todos eles têm que preencher relatórios no final do turno, e o meu trabalho é lê-los e dar um retorno das observações. Isso sempre faz com que a minha manhã seja interessante.

Os relatórios vão de ridículos a banais. Na noite passada, por exemplo, seis garrafas de cerveja de um litro foram jogadas de uma janela de um andar alto em cima de um táxi que estava passando lá em baixo. Dez policiais da 6ª Delegacia chegaram e correram escada acima algumas vezes, sem serem capazes de identificar quem as tinha arremessado.

Na outra ponta do espectro, alguém deu sumiço no CD do Mês da Columbia House de alguém, o que causou muita consternação. Um dos ARs relata, tristonho, que uma residente bateu na porta do quarto dela várias vezes, berrando: “Eu odeio este lugar”. O AR deseja encaminhar a aluna para o Serviço de Aconselhamento de alunos.

Outro relatório afirma que um pequeno tumulto ocorreu quando um funcionário do refeitório deu uma bronca em uma aluna por tentar fazer uma pizza de muffin inglês no forno de torradas.

Quando meu telefone toca, atendo na hora, feliz por ter algo para fazer. Eu adoro o meu trabalho, sim de verdade. Mas preciso reconhecer que ele não estimula muito o meu intelecto.

— Conjunto Fischer, Heather falando, como posso ajudar? — Minha última chefe, Rachel, era muito severa em



relação ao modo como eu atendia ao telefone. Apesar de Rachel não estar mais por aqui, é difícil largar velhos hábitos.

— Heather? — Dá para ouvir uma ambulância ao fundo. — Heather, é o Tom.

— Ah, oi, Tom. — Dou uma olhada no relógio. Nove e vinte! Boa! Eu estava na minha mesa quando ele ligou! Posso não ter chegado na hora, mas pelo menos foi antes das dez. — Onde você está?

— No hospital St. Vincent. — Tom parece exausto. Ser diretor de um conjunto residencial estudantil da Faculdade de Nova York é um trabalho que exige muito da gente. É necessário cuidar de uns setecentos alunos de graduação, sendo que a maior parte deles, com exceção de algum acampamento de verão ou um tempo em um colégio interno, nunca esteve longe da casa dos pais durante muito tempo... imagine só se algum deles já dividiu o banheiro com outro ser humano. Os residentes procuram Tom para resolver todos os problemas que têm: conflitos com o colega de quarto, questões acadêmicas, preocupações financeiras, crises de identidade sexual... Pode pensar em qualquer coisa: Tom já teve que lidar com o problema.

E se um residente se machuca ou fica doente, é tarefa do diretor do conjunto residencial assegurar-se de que ele ou ela está bem. Nem é preciso dizer que Tom passa muito tempo em prontos-socorros, especialmente nos fins de semana, que é quando a maior parte dos menores de idade resolve beber. E ele faz tudo isso (fica de plantão 24 horas por dia, 343 dias por ano — todos os funcionários administrativos da Faculdade de Nova York têm 22 dias de féri-



Tamanho 44 também não é gorda 21

as por ano) ganhando pouco mais do que eu ganho, além de alojamento e alimentação gratuita.

Ei, por acaso é alguma surpresa meu último chefe só ter durado alguns meses?

Mas Tom parece bem estável. Quer dizer, tão estável quanto um ex-zagueiro da Texas A&M com mais de 1,90m de altura e noventa quilos, cujo filme preferido é *Adoráveis Mulheres* e que se mudou para Nova York para finalmente sair do armário pode ser.

— Olha, Heather — Tom diz, cansado. — Vou ficar preso aqui pelo menos mais algumas horas. Ontem teve um aniversário de 21 anos.

— Opa. — Aniversários de 21 anos são os piores. Inevitavelmente, o infeliz aniversariante é forçado a virar vinte e uma doses pelos convidados da festa. Como o corpo humano não é capaz de processar essa quantidade de álcool em um período tão curto de tempo, na maior parte das vezes o residente acaba comemorando seu grande dia em um dos pronto-socorros mais próximos. Legal, não é?

— É — Tom diz. — Detesto ter que pedir, mas será que você pode pegar a minha agenda e remarcar todas as minhas audiências judiciais desta manhã? Não sei se vão internar este garoto ou não, e ele não nos dá permissão para ligar para os pais...

— Sem problema — respondo. — Há quanto tempo você está aí?

Tom exala profundamente.

— Ele ainda estava na sétima quando desmaiou. Então, desde a meia-noite, ou mais ou menos isso. Perdi totalmente a noção do tempo.



— Eu vou praí ficar no seu lugar, se você quiser. — Quando um aluno está no pronto-socorro mas ainda não foi internado, é política da Faculdade de Nova York que um representante da instituição fique com ele o tempo todo. Você não pode nem ir para casa para tomar uma porcaria de um banho se não tiver ninguém para ficar no seu lugar. A Faculdade de Nova York não deixa seus alunos sozinhos no pronto-socorro. Só que os próprios alunos com frequência recebem alta e vão embora sozinhos, sem se dar ao trabalho de avisar, então você fica lá uma hora assistindo a uma novela em espanhol antes de se dar conta de que o garoto nem está mais lá. — Assim pelo menos você pode tomar café da manhã.

— Sabe, Heather — Tom diz. — Acho que vou aceitar a sua oferta, se você não se importar.

Digo que não me importo e já estou pegando dinheiro da caixa do troco para tomar um táxi antes mesmo de desligar o telefone. Adoro a caixa do troco. É como ter um banco próprio, logo ali na sua sala. Infelizmente, Justine, a garota que ocupava o meu lugar antes de mim, achava a mesma coisa, e gastou todo o dinheiro do Conjunto Fischer que ficava ali para comprar aquecedores de cerâmica para os amigos e familiares dela. O Departamento de Orçamento até hoje examina os nossos recibos com toda a atenção e olhos de águia toda vez que eu os levo para receber reembolso, apesar de todos serem perfeitamente legítimos.

E até hoje eu não descobri o que é um aquecedor de cerâmica.

Termino de remarcar todos os compromissos de Tom, então acabo com o meu café moca em um gole só. *Se fosse*



mais magra. Sabe de uma coisa, Carinha do Café? Com aquelas unhas compridas que você não corta porque é pobre demais para comprar uma palheta nova, parece uma mulherzinha. É, é isso aí. Uma mulherzinha. O que acha disso, Carinha do Café?

Uma parada rápida no refeitório para pegar um bagel para comer no caminho do hospital e eu vou estar pronta para partir. Quer dizer, cafés moca são mesmo muito bons, mas não fornecem energia duradoura... não como um bagel. Principalmente um bagel cheio de queijo cremoso (laticínio) e recheado com várias camadas de bacon (proteína).

Peguei meu casaco e estou indo pegar o meu bagel quando reparo que Magda, minha melhor amiga do trabalho e caixa-chefe do refeitório, está parada à porta da minha sala, parecendo muito desconcertada.

— Bom dia, Magda — digo a ela. — Você não vai acreditar no que o Carinha do Café disse para mim.

Mas Magda, que normalmente é uma pessoa muito curiosa, e grande fã do Carinha do Café, não parece interessada.

— Heather — ela diz. — Tem uma coisa que eu preciso mostrar para você.

— Se for a primeira página do *Post* — eu digo —, o Reggie chegou na sua frente. E, de verdade, Mags, tudo bem. Está tudo bem comigo. Não acredito que ela o aceitou de volta depois daquela coisa toda do PussyCat Dolls com a Paris. Mas, ei, o pai dele é dono da gravadora. O que mais ela poderia fazer?

Magda sacode a cabeça.

— Não — ela diz. — Não é o *Post*. Só venha comigo, Heather. Venha comigo.

Curiosa (mais porque ela não abriu nenhum sorriso do que por realmente achar que ela tem algo assim tão aterradora



dor para me mostrar), sigo Magda pelo corredor, passando pela sala do governo estudantil (fechada assim tão cedo pela manhã) e pela sala do chefe de Magda que, estranhamente, está vazia. Normalmente, a sala do chefe do refeitório está sempre cheia de funcionários reclamões e de fumaça de cigarro, já que Gerald Eckhardt, diretor do setor, é fumante inveterado. Ele só devia fumar do lado de fora do prédio, mas eu sempre o pego baforando na mesa dele, depois exalando a fumaça pela janela aberta, como se achasse que ninguém iria perceber.

Mas não hoje. A sala está vazia (e sem fumaça).

— Magda — eu digo quando o avental cor-de-rosa desaparece pelas portas de vaivém da cozinha do refeitório, sempre barulhenta e cheia de vapor. — O que está acontecendo?

Mas Magda não diz nada até estar parada ao lado de um gigantesco fogão industrial, sobre o qual uma única panela foi colocada no fogo. Gerald também está lá parado, parecendo deslocado com seu terno executivo no meio de seus funcionários de avental cor-de-rosa, deixando todo mundo pequenininho com sua constituição grandalhona (resultado de experimentar sua receita de frango à parmeggiana um pouco demais).

Gerald está com ar... bom, só tem uma palavra para isto: amedrontado. O mesmo vale para Saundra, a atendente do bufê de salada, e para Jimmy, que serve no balcão de pratos quentes. Magda está pálida por baixo da maquiagem colorida. E Pete (o que Pete está fazendo aqui?) está com cara de quem vai vomitar.

— Certo, pessoal — eu digo, convencida de que esta é alguma piada para cima de mim. Porque Gerald, por traba-



Tamanho 44 também não é gorda 25

lhar no ramo da alimentação, é um pregador de peças de longa data, um mestre do rato de borracha na gaveta da mesa e da aranha de plástico na sopa. — O que foi? Ainda faltam três meses para o dia da mentira. Pete, o que você está fazendo aqui?

E é aí que Pete (que, por algum motivo, está usando uma luva acolchoada de pegar pratos quentes) estica a mão e ergue a tampa da panela que ferve com toda a alegria, e eu dou uma boa olhada no que tem lá dentro.

